

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA  
GUIOMAR TORREZÃO

2.<sup>a</sup> SERIE

LISBOA, 12 DE JUNHO DE 1881

NUMERO 28

GERENTE  
HENRIQUE ZEPHERINO

## EXPEDIENTE

Logo que termine o romance *Albina*, que tanto tem agradado aos nossos leitores, começaremos a publicar em folhetins o notavel romance contemporaneo de Sirven e Verdier, *Le Jesuite rouge*, palpitante de interesse, e cuja acção principia no derradeiro periodo do segundo imperio, acompanhando os dias procellosos da Communa e terminando na aurora da Republica. Celebramos para o effeito contracto especial com o autor, o qual nos confere o direito exclusivo da traducção.

## CHRONICA ALEGRE

Por mais que digam, se procurarem no mappa, e a despeito da falsa reputação de triste, não são capazes de encontrar povinho mais deliciosamente divertido.

Nós somos impagaveis, inimitaveis, incomparaveis.

E' possivel que nem sempre disponhamos da dose de espirito indispensavel para cultivar essa bella flôr escarlata e hilariante, adorada por Proudhon, que se chama ironia.

Falta decerto á nossa adjectivação o esmalte gaulez, ardente e relampejante como o ferro das espadas.

Os nossos litteratos, extraordinariamente copiosos, raras vezes conseguem ser verdadeiramente espirituosos.

A phrase, propriamente dita, produz muito menos no torrão lusitano do que a batata, largamente propagada.

A fava, pela sua parte, floresce incomparavelmente mais do que o estylo.

Mas em compensação, e contra tudo o que haja formulado a trova com respeito á nossa lendaria melancolia, somos engraçadissimos.

E senão vejamos.

Um bello dia, erguemo-nos ás duas horas da tarde inflammados de um ardente enthusiasmo sobreposse, e resolvemos revolucionar os arruamentos, calçando as luvas *gris perle* da rhetorica e instigando-os, com as mesmas luvas, a concorrerem pela sonoridade dos seus tostões para a solemnisção de uma festa á qual da nossa parte nós concorreremos pela sonoridade dos nossos versos.

Tratava-se de provar á Europa, e especialmente á Hespanha, que D. Pedro Calderon de la Barca não era um sujeito como outro qualquer.

Era indispensavel demonstrar que possuimos uma comprehensão profunda e nitida da obra inextricavel d'esse poeta, embora na realidade nós não tivéssemos senão uma vaga idéa muito superficial do theatro hespanhol do seculo XVI.

Depois, a *Associação dos escriptores e jornalistas*, que nascera de um bello impulso de fraternisação intellectual, precisava documentar, por meio de um facto qualquer, notorio e publico, que não se organisara unicamente para poder alugar um quarto, na praça de Camões, e formar um club onde fumasse os seus charutos, lesse os seus jornaes e continuasse o cavaco ameno encetado na Havaneza.

Além de todas estas razões ponderosissimas, tractava-se de saldar uma divida,

A Hespanha, a *niña salerosa* que nutre ha tanto uma paixão lamente pelo velho Portugal desdenhoso, namorando-o platonicamente, não perdera occasião de vir visital-o, cobrindo-o de flores e de sorrisos, enchendo-o de instigações ternas e de promessas tacitas,

no momento psychologico em que elle, rejuvenescido e delirante de jubilo, celebrava a gloria de Luiz de Camões.

Cumpria, por conseguinte, que Portugal, como uma pessoa bem educada, pagasse a visita, embora não correspondesse á paixão.

Varios membros conspicuos da *Associação dos jornalistas*, immolando-se no altar civico, partiram denodadamente affrontando o carabineiro hespanhol, a pirataria da *fonda* e o confronto terrivel dos oradores de Castella em face do mutismo lusitano.

Os que ficaram, organisaram uma recita no theatro de D. Maria, dedicando-a a Calderon de la Barca.

Por esse tempo, apparecia nos periodicos de Madrid um annuncio, de um comico inimitavel, mandado publicar pela *Associação musica 24 de julho*, no qual a mesma Associação no intuito evangelico de desconceituar um professor orpheonico, que seguira em direcção á *villa coronada*, declarava que o referido professor não tinha a dita invejavel de pertencer á gloriosa Associação, e como tal não podia gosar da honra insigne de represental-a...

A commissão de litteratura dramatica, destacada da Associação jornalística, animada de um enthusiasmo febricitante, encommendou versos, encommendou flores, encommendou enthusiasmo, encommendou musica, encommendou vivas; convidou o ministro de Hespanha, (o qual, entre parenthesis, se julgou dispensado de agradecer o convite) convidou o corpo diplomatico, a imprensa, os escriptores.

O theatro, escarlata e resplandecente como um estojo de pedrarias, povoado de mulheres formosas, scintillantes de diamantes, cheio de litteratos e afestado de flores, aguardava solememente o momento supremo da apothese.

A' ultima hora, porém, faltou o busto, o indispensavel e insubstituivel busto de Calderon, que Eduardo Coelho promettera remetter directamente de Madrid.

A ausencia do busto provocou uma crise terrivel.

Enviados extraordinarios partiram em todas as direcções pedindo, supplicando, implorando uma imagem de Calderon, modelada em marmore, em gesso ou em barro, ás auras, ás estrellas, ao Tejo, ao ceo inexoravel.

Depois de uma longa peregrinação infructifera, descobriu-se um busto... do marquez de Pombal!

Pedia o nosso brio nacional, em nome do aspecto burlesco que forçosamente havia de revestir a solemnidade, desde o momento em que se soubesse que João Anastacio Rosa, no acto de invocar Calderon, coroara, não o poeta de *La vida es sueño*, mas o ministro de D. José I, que sepultassemos o incidente no mais absoluto e discreto de todos os silencios.

A aventura, porém, correu logo velozmente pela plateia, avida de novidades, espalhou-se rapidamente na cidade, subiu para os jornaes e começa agora a fornecer trocadilhos...

Decididamente, somos um povo divertidissimo!

GUIOMAR TORREZÃO.

## CARIÁTIDES

Escorços dramaticos

U.

Um bom senso extraordinario a par de um talento colossal. Percebendo, com a sua intuição finissima, que nem sempre são os que mais bulha fazem aquelles que mais depressa chegam, ella,

embora tenha caminhado progressivamente, descança ás vezes na indolencia peculiar aos opulentos que não teem pressa de gastar os cabedæas accumulados.

Sem desaparecer de todo, gosta de retrair-se, de vez em quando, por necessidade ou por capricho, n'uma penumbra mysteriosa, como os solitarios que se embrenham na umbrosa floresta, contando as estrellas, fixando as nuvens e desfolhando malmequeres...

De repente, porém, acorda, sacode a juba, abre os seus bellos olhos pretos, de uma estranha scintillação peninsular, e erguendo-se subitamente, dando um verdadeiro pulo de leão, alcança de golpe o vertice eternamente inacessivel para tantos.

Uma noute, ha muitos annos, muitos, relativamente, pois que, mercê de Deus, ella é moça, o sol da juventude illumina-lhe ainda a cabeça intelligente, e a musa desasada que esboça estes perfis tambem não é absolutamente velha, representava-se no theatro do Principe Real um drama.

Ninguem a conhecia.

O nome d'ella permanecia ainda na chrysalida. Não se fallava de V.; ella mesma não experimentara durante as successivas phases do noviciado a revelação subita, especie de exaltação fanatica que transfigura.

A pomba branca do espirito não baixara ainda sobre a fronte da neophyta.

Começou o espectáculo.

O galan, frizado e lustroso, entrou em scena: o centro asseteou-lhe a deixa de interjeições colericas. O tyranno tropejou em seguida uma duzia de maldições, recortadas nas velhas novellas rhetoricas de castellos feudaes e raptos funambulescos.

João Anastacio Rosa estava na platêa, e penetrado do scepticismo elegante peculiar aos artistas da sua estatura, aguentava o espectáculo com a mesma santa e impagavel resignação que levava George Sand a escutar os dramas profundamente massadores da *Porte Saint Martin*.

V., incumbida de um papel pequeno, em que tinha de pronunciar meia duzia de phrases, appareceu no palco.

João Anastacio Rosa contava n'esse momento pelos dedos os dias de que poderia dispor para a conclusão de um busto que absorvia então a sua caprichosa phantasia.

E á medida que o drama ia desenvolvendo pausadamente as scenas, embrulhando os lances e descascando os dialogos, o grande

actor, transportando-se mentalmente ao seu atelier, amarrotava distrahido o chapeo imaginando que modelava a argilla...

De repente, indireitou-se na cadeira, aguçou o ouvido e largou o chapeo. Uma voz fresca, cheia de sonoridades crystalinas, vibrava no palco, espalhando na sala uma estranha musica, de um encanto penetrante e meigo.

Era ella, era V.

Essa voz velludosa e metallica, imperiosa e insinuante, formada de certo, como a lyra dos poetas, para exprimir o eterno amor, interessara profundamente o auditorio e resaltara dos dialogos fanhosos, que se arrastavam até então difficilmente, como a volata de um rouxinol trinando entre o *brouhaha* dos pregões de hortaliça.

João Anastacio Rosa, esquecendo o busto, voltou-se enthusiasmando para o visinho da superior e disse-lhe com a sua habitual inflexão dogmatica:

— Esta noute, é a primeira vez que sinto!

Teria o Espirito Santo vibrado n'aquelle instante o raio inspirador? Acordaria definitivamente a vocação, depois da qual os eleitos da Arte professam, librando-se em demanda da vida radiosa da gloria, exactamente ao contrario dos monges que descem para a morte sombria do claustro?

*Chi lo sa?*

A actriz encetava por aquelle tempo, tranquillamente, desambiciosamente, preguiçosamente, talvez, a sua carreira, difficil a principio, cortada de escolhos e alternativas, como todas as iniciações.

O frescor, a seiva, a riqueza nativa d'essa organisação delicadissima impressionaram fortemente José Carlos dos Santos.

O mestre applicou-se a lapidar a esmeralda, engastou-a no oiro estreme da sua escola magistral, deu-lhe os facetados luminosos, a transparencia nitida, fez d'ella uma joia preciosissima.

Os adjectivos começaram n'essa epoca a cair-lhe aos pés como um ramo desfolhado de papoulas escarlates.

Ella, porém, sempre armada do seu inseparavel bom senso, guardou-os na gaveta, ao pé das luvas e das meias, e não se julgando uma Rachel ou uma Ristori, como succede a muitas em identicas circumstancias, continuou a viver modestamente, consagrando ao estudo a porção de vida e a quantidade de tempo que varias collegas dissipavam folgadoamente nos lances da vida airada.

A simplicidade inalteravel, a modestia despretençiosa que são como que a *nuance* dos talentos excepcionaes, não eram todavia as

## FOLHETIM

# ALBINA

ULTIMO ROMANCE POSTHUMO DE GEORGE SAND

QUINTA CARTA

JUSTO ODOARD Á SR.<sup>a</sup> DE NESMES

Castello d'Autremont

Já vês se eu estou ou não mimoso, e se podes ou não viver descançada ácerca das commodidades que rodeiam o personagem de teu filho, o qual, habituado aos teus desvelos, prestava-se magestosamente a receber as attentões sollicitas que lhe dispensavam, dando assim uma alta idéa da sua pessoa aos senhores escudeiros.

«Quem se deixa servir sabe pagar», é a divisa das ante-camaras.

— O senhor quer que lhe sirvam a ceia?

— Com todo o gosto, sr. Champorel.

— O senhor quer comer no seu quarto?

— Certamente, sr. Champorel.

— O senhor tomá café?

— Sempre, meu caro Champorel.

— O senhor fuma charuto ou cigarro?

— Venho munido de tabaco, sr. Champorel.

— Ouviram, meus rapazes? disse elle, dirigindo-se paternalmente

aos dois subalternos. Vão e despachem-se. Agora, ajuntou voltando-se para mim, quer que eu abra a sua mala para tirar o chambre?

— Esse traste é que eu não possuo, sr. Champorel. É um vestuario improprio da minha idade.

— Perdão, senhor; mas no nosso clima, quando se está parado, é indispensavel usar fato estofado. Corro a buscar o chambre que o sr. duque deu ordem para lhe ser offerecido.

Sabiu, voltando pouco depois munido de um chambre de seda acolchoado, que eu hesitei se devia ou não vestir.

Elle insistiu.

— Advirta que o senhor está transpirando, e que não lhe convém esfriar. Lembre-se v. ex.<sup>a</sup> que se acha no castello do diabo.

— Porque?

— Porque ha aqui paredes de dois metros de espessura, embebidas em humidade. Reflecta v. ex.<sup>a</sup> que para não provocar o rheumatismo, é indispensavel viver em uma atmosphera de chammas, seguramente igual á do inferno.

— Todavia, sr. Champorel, não me parece que o sr. padeça d'essa doença. Quantos annos tem?

— Setenta e seis, e ha cerca de cincoenta que sirvo esta familia. Effectivamente, nunca tive rheumatismo, e sinto-me vigoroso e leve como um rapaz. Mas é porque ando agasalhado dos pés até á cabeça, sem que tal pareça. Resolva-se v. ex.<sup>a</sup> a vestir o chambre, não se negue a fazer a vontade ao papá Champorel. É assim que o sr. duque me chama; satisfaz-me todas as vontades, e estou certo que o sr. tambem ha de fazer o mesmo quando me conhecer melhor.

— Nem eu desejo outra coisa, papá Champorel, porque já per-

melhores credenciaes para acreditarem o merito da actriz na opinião do indigena.

O respeitavel corpo commercial que enche os theatros aos domingos e que exige no palco as côres vistosas que está habituado a ver no balcão, resolveu por unanimidade que V. não era uma actriz superior.

Um sr. vereador-argentario, que partiu para o Brazil chinclando tamancos e voltou saracoteando commendas, chegou mesmo a asseverar em presença de Thalia, sem que a mesma Thalia lhe escrevesse a carvão na testa abaulada e ôca o T, synonymo da phrase, que a actriz V. só servia para representar papeis de costureirinhas pobres...

O que pensará agora o referido vereador, admittida a conjectura inverosimil de que elle pense, depois da appareição deslumbradora da duquesa de Septemonts?...

A opinião publica, que é a mais banal de todas as opiniões, accusou-a em certa epocha severamente, fez-lhe um libello que tinha como base criminal a *ingratidão*.

Um libello que parecia inspirado por um trecho da *Moral em acção*.

— Que V. não era reconhecida.

— Que abandonara o mestre n'uma crise difficil.

— Que não quizera segui-o quando elle fôra tentar fortuna em outro theatro.

Esqueceram-se, porém, de acrescentar o seguinte:

A mulher magra e aparentemente fraca, que tem morbidez felines de angora mimoso e caricias extaticas de rola mansa, é um character decidido, de uma energia rara e de uma coherencia sensata perfeitamente fôra do commum.

Traçou uma vez uma linha de conducta, adoptou um codigo, convenceu-se que só o theatro de D. Maria poderia convir ao seu bello talento dramatico, aos seus complexos dotes de ingenua, que lhe conferem hoje o primeiro logar na scena portugueza.

Inutilmente tentariam afastal-a d'esse theatro. Adora-o, identificou-se com elle, é como que o sanctuario onde guardou as perolas do seu diadema, os jubilos da sua vida, as palmas dos seus triumphos.

Se o theatro de Gil Vicente ardesse uma noute, absorvido pelas linguas de fogo do incendio, como o theatro de Nice, ella era capaz de se deixar morrer supersticiosamente entre as quatro paredes do camarim.

cebi que o senhor o que principalmente ambiciona é que toda a gente esteja bem.

— Exactamente. Noto que o sr. comprehendeu-me. Ah! vem a ceia. Podem ir para a casa de entrada, meus rapazes; eu servirei este senhor.

Se eu obedecesse ao meu primeiro impulso, pediria a este bom velho para se assentar ao meu lado á mesa e partilhar a minha refeição. Mas, provavelmente, recusar-se-hia. Sujeitei-me pois a ser servido por aquella sombra de avô, fransino, irreprehensivelmente acciado e bonito, com a sua cara angulosa, bem desenhada, de olhnhos negros e penetrantes, illuminando-lhe as faces pallidas, e finas madeixas de cabellos brancos, plantados aqui e alli, n'um craneo de marfim polido.

A ceia era opipara; vinhos generosos e um café quasi tão bom como tu sabes fazer. Aqui vive-se á grande. Até estou com medo de engordar de mais.

Da melhor vontade teria eu feito as honras devidas ao vinho; tinha sede e calor, e para adormecer como um frade não era preciso mais do que levantar-me da cadeira e deitar-me no leito, collocado ao pé da mesa; mas a presença do pae Champorel obrigou-me a manter-me no meu sério. Não sahi pois dos meus restrictos limites da sobriedade. O velho observava-me disfarçadamente; no fim da ceia notou, admirado, que eu era tão fraco bebedor como o sr. duque. Não se me daria de saber alguns promenores acerca do dono da casa, e Champorel via-se perfeitamente que tinha empenho de desenferujar a lingua. Percebi logo que o amo era para elle um assumpto inextotavel, e ahi vae o que fiquei sabendo:

O sr. de Autremont casou aos vinte annos e enviuvou aos vinte e um. Gostava da mulher, mas esta não lhe correspondia, não o

O que ella fez por conseguinte não foi abandonar Santos, foi simplesmente não querer separar-se do theatro.

A theoria da Arte, applicada á sua existencia, pôde resumir-se na bella phrase eloquente e vigorosa de Luiz Veuillot:

*O mundo é o mar, a verdade o navio; é mister viver no navio ou morrer nas ondas.*

THALIA.

## LIVROS NOVOS

### O que anda no ar

Uma phrase que produziu muito mais do que o seu auctor imaginou ao soltal-a dos grossos labios rabelaisianos.

A par de algumas allusões comicas e de muitas repetições enfadonhas, devemos á célebre phrase do bispo de Vizeu um livro interessantissimo, assignado pelo nome festejado de Alberto Pimentel.

Os artigos de que se compõe o volume, transplantados da existencia ephemera do jornal para a existencia immorredoura do livro, não perderam a scintillação humoristica e a vibração alegre que é o seu principal caracteristico.

Alberto Pimentel antes de conduzir-nos a rever as mutações cambiantes do seu kaleidoscópo, expõe-nos em um prefacio muito bem escripto o que elle suppõe dever ser a missão do jornalista moderno na larga esphera pratica da imprensa periodica. E a proposito cita um periodo do bello discurso de John Lemoine, pronunçado na Academia Franceza em 1876.

Effectivamente, na evolução das gerações, parece que á medida que a duração da vida material diminue em proporção da intensidade da vida intellectual que augmenta, o homem experimenta a necessidade de caminhar velozmente e de alcançar no espaço de algumas horas o que antigamente exigia um tirocinio de longos annos.

É a esta ardente e febril anciedade da alma nova, determinada por um lado pelo cerceamento fatal das vidas e pelo outro pela necessidade de saber que impelle cada vez mais o nosso espirito a sondar o desconhecido e a investigar o ignoto, que corresponde o

fazia feliz. Champorel confessou que não lamentou a morte da duquesa, muito embora seu amo, *que é um coração de ouro*, a tenha chorado por espaço de muitos annos.

Eu já sabia que o sr. de Sainte-Fauste fôra o preceptor do joven duque. A devoção restringida e tibã, transmittida ao discipulo, transformou-se produzindo um crente fervoroso. Opprimiram despoticamente o espirito do pobre moço. Impozeram-lhe preceitos austeros, cerceando-lhe a liberdade da phantasia. Explicaram-lhe factos historicos e theorias divinas, segundo um ponto de vista parcial. Mais tarde, o duque, quando quiz estudar sósinho, interpretou tudo de outro feitio. Absorvia-se nos livros, interrogava-os, perdia-se em conjecturas.

— As conclusões que elle tirou do que leu, observou o velho, não tenho eu dados para julgal-as; mas o que sei é que o sr. duque soffreu muito antes de chegar a ser o que é: um homem inimitavel em paciencia, caridade, coragem e virtude. O senhor verá, hade morrer por elle, e quando lhe fôr preciso separar-se do sr. duque, soffrerá profundamente, é Champorel quem lh'o affirma! O sr. d'Autremont tem renunciado pouca a pouca á sociedade, que de resto nunca frequentou assiduamente. Desde que enviuvou, nunca mais amou mulher alguma. Apenas teve uns amores sem importancia, que elle suffocou á nascença sem os confiar a pessoa alguma, embora eu assevere que não o fez sem sacrificio. É completamente estranho a qualquer ambição ou interesse. Affirma que pertence a *uma opulenta raça social, que ha de ainda vir a fundir-se na torrente commum*, sem que por isso experimente a menor tentativa de revolta.

Trad. livre de

(Continua.)

PAULA RAMANZI.

jornal, esse enorme e colossal tonel das Danaides onde tantos milhares de operarios arrojam ha tantos annos a semente que mais tarde ha de produzir a ceara, a scentelha que determinará o incendio, o bloco de que deverá formar-se o edificio.

É por isso que os jornaes se multiplicam assombrosamente á medida que a estatística dos livros accusa uma baixa consideravel.

O escriptor arrastado pela corrente da opinião obedece á necessidade de tracejar rapidamente as suas idéas, velozmente transmitidas, e cujo effeito immediato e instantaneo satisfaz amplamente as condições tacitamente impostas pelo leitor moderno.

Essas idéas ganham em actualidade o que perdem em correcção. Lapidal-as, mais tarde, classifical-as e engastal-as no livro é certamente um bom serviço litterario, digno de um escriptor coherente.

Arrancamos ao novo livro do sr. Alberto Pimentel um capitulo formosissimo.

## IV

## CONTRASTES

(Novembro de 1879)

O ultimo numero do *Gaulois* publicava duas noticias que offereciam, pelo assumpto, um notavel contraste. Tratava-se n'uma da imperatriz Eugenia, que atravessava a França para ir visitar sua mãe, a velha condessa de Montijo, então moribunda, e já hoje morta.

Tratava-se n'outra da archiduqueza Maria Christina, que atravessava a França em direcção a Hespanha, a cujo throno vae subir pelo seu proximo casamento com o rei D. Afonso II. Entre essas duas mulheres, ambas nobres, ambas chamadas a occupar uma alta posição social, que differença, que enorme differença todavia! Uma, Eugenia de Montijo, conquistou um throno pela lenda da sua formosura. Casou, como as princezas dos contos de fadas, pelos encantos da sua belleza. Namorou-se d'ella um rei, o chefe da mais poderosa nação d'esse tempo, o imperador Napoleão III. Subiu a um throno que outras bellas damas e princezas invejavam. Foi verdadeiramente um romance, um idyllio. Um pobre dissera uma vez a essa formosa senhora, á porta de uma igreja, quando ella era simplesmente Eugenia de Montijo, como hoje: — É tão formosa, que merecia ser rainha! E, pouco tempo depois, Eugenia de Montijo era imperatriz dos francezes. Parecia que esse pobre era um propheta, um vidente, como quasi sempre acontece nas balladas. Na córte das Tulherias, Eugenia de Montijo governava o mundo mais com o seu leque do que com o seu sceptro. A sua ventarola, de um fino gosto parisiense, agitada com *salero*, era a moda, a diplomacia, a paz ou a guerra, o barometro dos destinos da Europa. Os reis do mundo iam ali, curvar-se diante d'ella, como os da antiguidade diante da rainha de Sabá, porque ella representava a França, e a França representava a Europa, quer se tratasse de politica, de litteratura, de bellas artes, de tudo.

Hoje, a França, sentindo a falta da imperatriz Eugenia, achou que só pelo vulto de outra mulher se podia representar, e mandou fazer a estatua colossal da Republica. Mas, ainda assim, essa monumental estatua não deslumbra tanto como aquella bella figura de hespanhola que atravessava outr'ora os salões das Tulherias.

Um dia, todo esse mundo de encantos, desabou. A ventarola fatidica partiu-se. Eugenia de Montijo principiou a perder tudo quanto os genios invisiveis da felicidade tinham ido depôr sobre o seu leito imperial, emquanto dormia. A primeira cousa que perdeu foi a França. Mas perder a França importava perder o sceptro da dominação universal. Depois, perdeu o marido, o homem que a tinha levantado a todo esse paraizo, arrebatando-a nos braços, como n'um sonho. Ficava-lhe ainda um filho, uma esperanza, quasi uma certesa... Pois bem, até esse filho perdeu, do modo mais desastroso que se pode perder um filho. Com elle ia toda a esperanza. Fez-se á volta do seu espirito uma solidão enorme. Mas, se pensava ás vezes que estava só no mundo, uma doce recordação lhe dava ainda conforto. Aquem dos Pyreneos, no seu nobre castello, amando-a de longe, vivia ainda sua mãe, a velha condessa de Montijo. Mas a obra da destruição ainda não estava completa. Precisava de mais um cadaver. D'esta vez a victima era a velha condessa de Monti-

jo, que provavelmente sentira fugirem-lhe as escassas forças da sua velhice ao encarar a profundesa do abysmo em que o destino despenhara de tão alto sua filha. Mal que soube da grave enfermidade de sua mãe, Eugenia de Montijo solicitara do governo da Republica licença para atravessar a França, em direcção a Hespanha. Licença para atravessar a França, ella! que a possuira, que tantas vezes a atravessara outr'ora, seguida por uma córte olympica, no meio de aclamações e de festas! Unicamente acompanhada pelo duque de Bassano, Eugenia de Montijo atravessou a França, calcando recordações que feriam como espinhos... Da portinhola da sua carroagem avistou as ruinas enegrecidas das Tulherias, onde ella fôra n'outro tempo, não só a primeira da França, mas a primeira do mundo. Tudo em ruinas,—o seu coração e o seu palacio! E o destino a impellil-a sempre para diante, para a solidão e para o lucto. Hoje, Niobe da realesa, chora, á beira de tres tumulos, para dentro do seu, por que já não tem quem lhe receba as lagrimas no mundo, e por que só lhe resta a consolação de se chorar a si mesma... O duque de Bassano foi pernoitar ao *Hotel d'Alle*; a imperatriz foi hospedar-se, com a mais completa reserva, n'uma casa amiga, certamente, mas ninguem sabe aonde. O *Gaulois* não o diz por motivos de alta conveniencia, segundo a sua propria expressão.

Ah! que noite seria essa, velada sobre o solo da França, ás occultas de toda a gente, como uma pobre operaria, que viu morrer toda a sua familia, e que se acha sósinha e esquecida no seio de Paris! Ao mesmo tempo, á mesma hora, a archiduqueza Maria Christina sahia do palacio de Isabel de Bourbon, e voltava aos luxuosos aposentos do *Hotel Maurice*. Os largos espelhos dourados reflectiam a sua gentil figura, radiosa como a das noivas. Nos seus cabellos uma flor de liz de diamantes tinha, á luz dos candelabros, scintillações phantasticas. A archiduqueza vinha de um jantar e de uma *soirée* de intimos em casa da mãe do seu noivo. Era o dia anniversario da morte do archiduque Carlos, seu pae, por isso essa festa antenupcial tivera todo o character de intimidade. Mas ainda assim, que esplendor! Tudo dizia alli á bella archiduqueza austriaca que só distava do throno alguns dias. A' roda da mesa, a fina flôr da colonia hespanhola, dando-lhe as primeiras saudações, aclamando-a eleita do seu rei. No topo da sala, uma enorme corôa real, engrinaldada de flôres de larangeira, as flôres das noivas, destacando sobre um fundo de setim encarnado. A poucas horas de viagem o nobre throno de Hespanha, um povo inteiro a festejal-a, a corôa de ouro e o véo branco; a purpura da realza e a grinalda do noivado: um noivo e um throno, por igual invejaveis. A Europa toda a fallar das suas bodas realengas, a contar as maravilhas feéricas do seu enxoval, dos seus deslumbrantes vestidos tecidos de ouro e de prata, como os das princezas dos contos de fadas. Expirando nos seus ouvidos, os eccos da admiração da França por essas encantadoras *toilettes* que fariam o desespero de um Ceresus... á mesma hora, na mesma noite, em que a viuva de Napoleão III, no seu mysterioso esconderijo, ouvia respirar Paris á volta de si, sentindo-a passar por baixo da sua janella e dizia provavelmente chorando e olhando para o céo,—que é para onde os olhos fogem quando precisam evitar a terra: «De todos aquelles que vão passando, quem se lembrará agora de mim?»

A leitura das duas noticias do *Gaulois* impressionou-nos o bastante para nos suscitar estas considerações.

ALBERTO PIMENTEL.

## CARTEIRA DE UM FANTASISTA

N'UM DIA D'ANNOS

Isto de ser feliz — é quasi um sonho  
De que se acorda cedo,  
E fica-nos já longe o céo risonho  
A que á noite, em segredo,

N'um ancilar fervoroso, em prece ardente,  
A nossa alma se ergueu,  
Onde pesadas nuvens, de repente,  
Desdobram negro véu.

Que a aragem da ventura t'as afaste!  
Que nunca os desenganos  
Ensombrem a alegria, que é o engaste  
Do dia dos teus annos.

13 de outubro de 81.

AMELIA JANNY.

## CARTAS DE GEORGE SAND

(ESCRITOS POSTHUMOS)

À senhora condessa d'Agoult (Daniel Stern \*)

EM GENEBRÁ (SUISSA)

PARIS, MAIO, 1835

*Minha bella condessa de formosos cabellos louros*

Não a conheço pessoalmente, mas ouvi Franz (\*) fallar a seu respeito e vi-a. Creio que, depois d'isto, posso sem parecer doida dizer-lhe que a amo, e que a condessa se me afigura o unico ente bello, estimavel e verdadeiramente nobre que existe na esphera patricia. É preciso realmente que o seu poder seja immenso para que eu me esquecesse do seu titulo de condessa.

N'este momento considero-a o verdadeiro typo da princeza phantastica, artista, amante e nobre na linguagem, nas acções e nas maneiras, como as filhas dos reis nos tempos poeticos.

Vejo-a sob este aspecto e quero amal-a como é, e pelo que é.

Acceptarei sem contestação a sua nobresa, visto que depois de existir no titulo, ella transluz igualmente nas idéas, e que não obstante a sua qualidade de condessa não deixou por isso de parecer-me amavel, formosa e suave como a Valentina que eu sonhei outr'ora, e ainda mais intelligente; diabolicamente intelligente, e é esta a unica exprobração que tenho a fazer-lhe: a mesma que dirijo a Franz e a todos que amo.

O numero e actividade das idéas é sempre um grande mal. Se ellas não existissem, ter-se-hia descoberto o segredo da felicidade.

Alimento a esperanza de ir vel-a, como um dos mais risinhos projectos que tenho acariciado na minha vida. Imagino que chegaremos a estimarmo-nos muito quando nos conhecermos melhor. A condessa vale mil vezes mais do que eu; mas verá que eu tenho a intuição de tudo o que é bello, de tudo que existe na sua alma.

Não é minha a culpa. Eu era um bom trigo; faltou-me a terra; as pedras receberam-me e o vento dispersou-me.

Pouco importa! A felicidade dos outros não me inspira nenhuma especie de azedume. Substitue a minha. Reconcilia-me com a Providencia e prova-me que ella não maltrata os seus filhos senão por distracção. Comprehendo todas as linguas que não fallo; se eu me conservar silenciosa ao seu lado, nem por isso a menor das suas palavras cairá em um ouvido indifferente ou em um coração esteril.

Deseja escrever? escreva, escreva muito! Quando quizer enterar a gloria de *Miltiade* não lhe hade ser difficil. E' moça, está em toda a força da sua intelligencia, em toda a pureza do seu juizo: Escreva depressa, antes de pensar muito; quando tiver meditado, perderá o gosto para qualquer assumpto em especial e escreverá por habito. Escreva enquanto possui o genio, enquanto é Deus que rege, e não a memoria. Vaticino-lhe um grande successo.

Deus poupa-lhe os espinhos que encerram as flôres sagradas da coroação. E porque haviam pungil-a os espinhos? A sua alma de diamante afugenta as paixões odientas e vingativas, que eu tambem desconheço; não caminhou nunca no deserto e é fresca e brilhante.

Mostre-se. Se o seu primeiro livro precisar para ser lido de artigos de jornaes, encheréi os jornaes de artigos.

Mas, logo que o leiam, a auctora não precisará do auxilio de pessoa alguma.

Adeus; falle de mim ao fogão. Penso em si todos os dias e re-jubilo-me sabendo que é amada e comprehendida como merece. Escreva-me, quando tiver tempo. Será um raio da sua felicidade na minha solidão. Se eu estiver triste, reanimar-me-ha. Se estiver feliz, alegrar-me-ha ainda mais. Se estiver tranquilla, como de resto é esse actualmênte o meu estado habitual, tornar-me-ha mais religioso o aspecto da vida.

Sim, tudo que Deus concedeu ao homem é bom, consoante o tempo, e se elle souber acceptal-o. A sua alma transforma-se sob a mão de um grande artista que sabe modelal-a, mas é preciso para isso que a agilla não resista ao contacto do oleiro.

Adeus, querida Maria.

*Ave, Maria, gratia plena.*

GEORGE SAND.

## ATRAVEZ DO BINOCULO

### Theatro da Trindade

BENEFICIO DA ACTRIZ JOSEPHA DE OLIVEIRA

*O milho da padeira*, opera comica em 3 actos e 4 quadros, musica de Offenbach. — *Procopio Baeta*, comedia em 1 acto, imitação de Paulo Midosi.

Josepha de Oliveira realisou o seu beneficio de escriptura com duas *reprises*, *O milho da padeira* e o *Procopio Baeta*, desempenhando pela primeira vez na comedia do sr. dr. Paulo Midosi um papel que foi feito em tempo pela actriz Rosa Damasceno. Qualquer d'essas duas figuras engraçadissimas, a da taberneira Toinon e a da engenhosa Casimira, adaptaram-se facilmente aos dotes artisticos da beneficiada, uma actriz distincta de opera comica e uma cantora afinada e correcta, que tem por vezes na voz umas sonoridades harmoniosissimas.

Depois de colher um sem numero de applausos no *Milho da padeira*, Josepha concorreu para o bello exito do *Procopio Baeta*, dando-lhe uma segunda mocidade, cheia de frescor e de vivacidade.

Ribeiro, que interpretou de uma forma absolutamente nova o papel do criado, creando, que é sempre o melhor que tem a fazer um artista de raça, foi deliciosamente comico.

Portugal cantou excellentemente, admiravelmente mesmo, com uma bravura e brilhantismo que os convidados do sr. Procopio Baeta nunca até hoje tinham apanhado. Queiroz, que substituiu Taborada, Queiroz esse talento flexivel e inexgotavel, que tem sido tudo quanto ha n'este mundo, galan, centro, pai nobre, tenor, barytono, baixo profundo, e até soprano, se fôr preciso, sempre com a mesma facilidade, escoltado pelos mesmos applausos, fez um Procopio Baeta verdadeiramente impagavel. Amelia Barros imprimiu o traço comico do seu bom talento caracteristico no personagem da recitadora de Bocage.

No *Milho da padeira* sobressaiu a par da beneficiada, a quem o publico dispensou todos os testemunhos de sympathia que reserva aos seus eleitos, a actriz Florinda, que tem no papel da padeira Margot uma das suas mais completas creações. Ribeiro, no chefe de policia, Augusto e Leoni, foram inimitaveis, soberbos, prodigiosos, estalando na plateia duzias de pares de luvas, (vide *Centro Commercial*) e fazendo estalar, ruidosamente, milheiros de gargalhadas.

## BIBLIOGRAPHIA

SACERDOS MAGNUS

Scintillam como as crystalisações do diamante ferido pelos raios do sol estes bellos versos, profundamente modernos, que acabamos de ler. Poucas vezes a inspiração subiu tão alto, e a poesia,

(\*) Auctora dos livros, *Revolution de 1848, Histoire des Pays-Bas, Esquisses morales*, etc., etc.

(\*) Franz Liszt.

agua branca de olhar fulgurante, desdobrou tão amplamente o seu largo vôo sereno e olympico.

A idéa Camoneana, que é ao mesmo tempo a base granitica e o vertice d'esta esplendida poesia de Antonio Feijó, um dos primeiros talentos da Academia de Coimbra, serve de pretexto para uma invocação aos cyclos dantescos, que resumem todas as paixões tragicas e sombrias da Edad Media, e á grande aurora da Renascença, que irradia todos os fulgores do espirito humano, acordado de subito para um desabrochamento exuberante de roseas claridades.

Os versos de Antonio Feijó, expressamente escriptos para o sarau litterario do theatro Academico, são de certo uma das mais formosas poesias inspiradas pela solemnisção do tricentenario de Luiz de Camões.

## RUMORES DOS PALCOS

Herminia tem obtido um grande successo no Rio na cançoneta de Thereza, expressamente traduzida para ella, *A guardadora de ursos*.

\*  
\* \*

O *Gaiato de Lisboa* e a *Corda sensível* ainda agora estão fazendo as delicias dos fluminenses.

\*  
\* \*

Paola Marié obteve um exito entusiasta no Rio de Janeiro. *Debutou* na *Madame Favart*, cantando depois com egual successo a *Mignon*.

\*  
\* \*

A Patti cantou ultimamente a *Semiramis* em Paris, alcançando um exito colossal.

\*  
\* \*

A signora Teresa Giudi Leionetti escreveu uma opera com o titulo *Rosa di Perona*.

\*  
\* \*

Choudens, editor de musica de Paris, fez aquisição das tres operas de Gounod, *Fausto*, *Julietta e Romeo* e *Tributo de Zamora*, dando pela primeira 10:000 francos, pela segunda 50:000 e 100:000 pela terceira. D'onde se conclue que o que vale mais é muitas vezes o que custa menos.

\*  
\* \*

O *Voltaire* afirma que o *Tributo de Zamora*, segundo declarou Gounod, será a ultima composição do insigne maestro.

\*  
\* \*

Surgio um novo astro nos horisontes da arte. É a cantora Emma Nevada, natural de Austin-Nevada, (S. Francisco da California). O seu verdadeiro nome é Emma Corinna Wixon. A nova cantora, que fez a sua apparição na *Somnambula*, alcançando uma ovação estrepitosa, conta 18 annos.

\*  
\* \*

Appareceu em Paris uma obra posthuma de Feliciano David. Tem apenas um acto e intitula-se *Le bon fermier de Franconville*. Conta tres personagens. O manuscripto está feito com a maior nitidez e contém cinco numeros, devidamente instrumentados. Este precioso achado, legado pelo grande musico francez, deve ser cantado no proximo inverno na Opera Comica.

\*  
\* \*

Conta um jornal de Italia uma particularidade curiosa com referencia a Meyerbeer, absolutamente ignorada pelos seus biographos. É que o *Roberto do Diabo* foi destinado na sua primitiva para opera comica, a qual deveria contar tres actos. A grande scena infernal constava de um dialogo em prosa.

\*  
\* \*

A opera *I promessi sposi*, de Ponchielli, traduzida em inglez, e executada pela primeira vez em Inglaterra, obteve um grande exito em Newcastle.

\*  
\* \*

Entre os manuscriptos incompletos, deixados por Meyerbeer, achou-se o primeiro acto e o começo do segundo de uma opera que o grande maestro começara a escrever em 1837. O libretto era de Planarde Saint-Georges e intitulava-se: *Cinq Mars*.

\*  
\* \*

O *Barbeiro de Sevilha*, cantado em Trieste pela prima-donna Reppetto-Trisolini e pelo barytono Aldighieri, causou delirio.

\*  
\* \*

A cantora Donadio, que se fez ouvir no Colyseu, está deliciando actualmente os dilettanti do theatro Rossini de Veneza. A imprensa põe-n'a nas nuvens.

\*  
\* \*

A *Mignon* de Ambroise Thomaz tem sido cantada na opera comica de Paris 600 vezes.

\*  
\* \*

Sobe hoje á scena no theatro da Trindade a engraçadissima comedia, *Piperlin, corretor de casamentos, mulheres garantidas*. Faz n'ella a sua reaparição o festejado actor comico Silva Pereira.

## A PRIMEIRA MEDICA PORTUGUEZA

Vae seguir o curso de medicina, em Coimbra, a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Cardia dos Santos Costa, que tem feito os seus estudos preparatorios com a maior distincção.

O *Jornal do Commercio* escreve a esse respeito:

«Fez hoje exame da terceira cadeira, de physica geral e suas applicções, no instituto industrial, a sr.<sup>a</sup> D. Amelia Cardia dos Santos Costa. Respondeu cabalmente sobre as materias do ponto que lhe coube em sorte, e teve sempre uma resposta facil, prompta e elegante, para todas as perguntas que lhe foram feitas fóra do ponto. Obteve dos seus examinadores 10 valores. A illustre estudante propõe-se ir para Coimbra, onde pretende formar-se em medicina. A avaliarmos pelo formoso exame que esta senhora fez hoje, é-nos licito acreditar que a sr.<sup>a</sup> D. Amelia será uma distincta estudante na Universidade de Coimbra, que terá o prazer e a gloria de ver n'ella a sua primeira doutora.»

## CARTEIRA DE PRUDHON

Prudhon vae ao telegrapho no intento de fazer um telegramma á familia que se acha na provincia.

— Não é possível, diz-lhe o empregado; ha trovoadas e não funciona a linha.

— Nesse caso terá a bondade de telegraphar ao menos a minha mãe: «que não lhe faço o telegramma prometido por causa dos trovões.»

Dois adoradores do deus Baccho.

— Olha, faze como eu, deixa de beber.

— Ah! tu deixáste de beber; desde quando?

— Desde hoje pela manhã.

*Excesso de lyrismo de um caixeiro.*

Uma dama do *demi monde* entrando em uma loja de modas do Chiado:

— Quanto custa este surah?

— Um beijo o metro.

— Quero vinte metros, com uma condição, é que o meu cão é que paga.

O americano ia cheio.

C... , que tem uns pés enormes, ia na plata-fôrma. Um sujeito ao aprear-se pisa-o.

— Irra! Não vê?

— Queira desculpar; não sabia que todos estes pés eram seus!

### A censura dramatica no Rio de Janeiro

Transcrevemos da *Gazeta de Noticias*, do Rio, o seguinte curioso documento:

#### O PRESIDENTE DO CONSERVATORIO DRAMATICO AO PUBLICO

Como presidente do Conservatorio Dramatico, cabe-me a responsabilidade da concessão ou negação da licença para a representação das peças theatraes e das offensas que d'estas resultarem á moralidade e á decencia.

De ha muito que estou acostumado a guardar silencio ante as apreciações da *Gazetilha* do *Jornal do Commercio*, que nos actos da corporação, a que tenho a honra de pertencer, só vê incoherencia e falta de criterio.

Hoje, porém, a injustiça da aggressão, aggravada pela phraseologia desdenhosa e violenta, deita a barra adiante de tudo que n'essa folha se tem dito para inculcar ao publico — que ás decisões do Conservatorio Dramatico nunca presidem a logica e o bom senso.

A proposito da representação do *Pimpolho* no Lucinda, diz a *Gazetilha*: «As noções que o Conservatorio parece ter da moralidade, são tão vagas e indefinidas, que para honra d'esta corporação, melhor é suppor que as peças não são lidas e sim approvadas a olho.

Para salvar o Conservatorio da grave perda de ausencia de senso moral, suppõe-no capaz de faltar a seus deveres, a ponto de aprovar ou reprovar as peças sem as ler, ou conforme as inspirações que receber do titulo ou do formato do livro.

E com estas *jocosidades* apreciam-se e qualificam-se actos d'aquelles, que, por dedicação á causa publica, acceitam e exercem encargos ingratos, ferteis sómente em sacrificios e desgostos!

Nem ao menos lhes respeitam os intuitos, nem sequer a censura se reveste da forma grave a que tem direito os que se respeitam.

Direi duas palavras em attenção ao publico.

O *Pimpolho* só foi licenciado depois de supprimidos os trechos de sentido equivoico.

N'esta peça, bem como nas *Noces* e em outras cuja exhibição scenica tem provocado as censuras da *Gazetilha*, esmerei-me em depurar o texto e as situações de tudo quanto podesse offender, ainda de leve, a moral e a decencia. O mesmo fiz em relação ao original d'essa comedia *Le petit Ludovic*, que será representado no Sant'Anna.

Para prova d'esta asserção consulte a *Gazetilha* os autographos, em que lavrei despachos, recorra aos archivos da policia, em que devem estar lançadas as modificações a que me refiro e inter-

rogue os proprios empregados a quem sempre recommendo stricta observancia dos mesmos despachos.

Se as empresas deixam de respeitar essas determinações (o que nem sempre se pôde verificar, pois os cinco membros do Conservatorio não bastam para estar em todos os theatros), compete á policia impor-lhes as penas de desobediencia e até suspender as representações.

Para regular este assumpto e outros relativos a theatro formulei um regulamento que pende da approvação.

O *Jonathan*, tão censurado pela *Gazetilha*, foi uma das peças que soffreu numerosos côrtes.

Dos milhares de peças, sujeitas a meu despacho, nenhuma deixou de ser por mim lida com toda a attenção, tarefa esta aborrida e em que consumo as horas destinadas ao descanso.

Até hoje nenhuma das empresas theatraes, que trabalham n'esta côrte, se queixou da demora no exame e despacho das peças.

A comedia *La tymbale d'argent* não foi licenciada por haver mudado de titulo, e sim porque o empregado, que pedia licença para exhibil-a no Alcazar, resolveu sujeitar-se ás alterações feitas pelo Conservatorio.

A representação do drama *Os Lazaristas* neguei licença porque era elle de propaganda contra uma instituição auctorisada pela legislação do paiz e a quem se confiara o apostolado do ensino e da caridade.

Permitti, porém, a sua representação, quando o protagonista do drama passou a ser o padre Bergeret e o texto ficou de tal modo alterado, que o anathema lançado contra a instituição de S. Vicente de Paulo recabiu apenas sobre aquelle padre lazarista.

Ninguem ignora que o Conservatorio Dramatico exerce ha mais de 10 annos a sua espinhosa missão sem que tenha excitado reclamações justificadas.

Só o *Jornal do Commercio*, cuja importante posição na imprensa brasileira lhe dá direito á consideração geral, afastou-se para com esta corporação de suas tradições de imparcialidade e justiça.

Rio, 28 de abril de 1881.

CARDOSO DE MENEZES.

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes o favor de mandarem renovar as suas assignaturas, que terminaram no numero 25 da 1.ª serie, começando a 2.ª serie no n.º 26. Aos srs. assignantes das provincias que não tenham pago até esta data, ser-lhes-ha suspensa a remessa da nossa folha.

Os srs. assignantes do extincto jornal EVOLUÇÃO, que deixem de receber as RIBALTAS em virtude da empresa es julgar indemnizados, queiram ter a bondade de prevenir-nos se desejam ou não assignar para o nosso semanario.

### HISTORIA DE UM GATO PRETO

#### 17.º SONETO

Falla o regedor da freguezia :

Terrível gato, saltador ligeiro,  
Symbolo vil da ingratição com rabo,  
Quando das ricas joias deste cabo  
Foste, quasi, raivoso petroleiro!

No «batalhão da Carta» fui guerreiro  
E, como tal, de valentão me gabo;  
Vou matar-te e vender-te, meu diabo,  
Ao visinho da esquina, o pastelleiro!...

Ahi, assado e posto sobre um prato,  
A bons patuscos fartarás, talvez,  
Impingido por lebre, infame gato!...

— Coisa que nunca faz e nunca fez  
O celebre pimpão do ouro barato  
Com loja na rua Aurea, 103.

# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## ALMANACH DAS SENHORAS

Vae entrar no prelo o *Almanach das Senhoras* para 1882, de que é redactora a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão. O novo almanach, ao encetar o seu 12.<sup>o</sup> anniversario, apresentará um sem numero de novidades e melhoramentos, que constituirão, estamos certos, outros tantos elementos de extracção. Esta publicação, unica no seu genero em Portugal, que tem caminhado sempre escudada por um exito seguro, augmentando de anno para anno as suas tiragens e ampliando o quadro dos seus leitores e collaboradores, entre os quaes figuram os primeiros nomes da litteratura portugueza e brazileira, corresponde d'esta maneira ao favor publico, obtendo assim novos titulos ao apreço dos seus numerosos leitores. O *Almanach das Senhoras* para 1882, que dispõe de uma collaboração brilhante, abrirá com o retrato photographico de madame Julietta Lamber, viuva Adam, a celebre republicana redactora da *Nouvelle Revue*, um dos orgãos mais adiantados da imprensa franceza. O retrato é acompanhado da biographia da grande jornalista franceza, escripta pela redactora do almanach, a sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão, e seguida de um autographo de madame Adam.

Inaugurará além d'isso o novo almanach uma serie de gravuras que illustrarão o texto, correspondendo assim ao gosto moderno que exige a par da imagem abstracta, realisada por meio da escripta, a imagem figurada por intermedio do lapis e da gravura. Tendo sido acolhida com geral apazimento a secção de problemas inaugurada no almanach de 1881, a empresa do *Almanach das Senhoras* resolveu desenvolvê-la, para o que convidou um illustre lente de mathematica que se dignou dispensar-lhe uma valiosa collecção de problemas. Os problemas do almanach para 1882 dividir-se-hão em duas series, sendo uma exclusivamente para o Brazil.

Todos os problemas são premiados, entregando-se o premio á primeira pessoa que enviar a solução, depois de exposto á venda o almanach, dirigindo-a á livraria Zeferino, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, deposito principal e actual gerencia do *Almanach das Senhoras*.

Eis a relação dos principaes premios:

Uma argola DE PRATA para guardanapo.

Um *souvenir* DE PRATA.

Musicas.

Chromo-lythographias.

Collecções de jogos allemães em caixas de madeira com dados.

Um quadro a cartão, feito e offerecido pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Elisa Curado.

Uma collecção do *Almanach das Senhoras*.

Livros de missa com capas de metal, (dois).

Livros: *Arabescos*, de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. — *L'Espagne moderne*, de madame Rattazzi. — *L'Homme noir*, de Alfredo Sirven, com um autographo de Victor Hugo. — *Bibliotheca do povo e das escolas*, uma serie de livrinhos de estudo. — *Contos sem nome*. — *Perfis moraes*, do dr. Baldy. — *El deber cumplido*, romance de D. Faustina Saez de Melgar, etc., etc., etc.

A empresa do *Almanach das Senhoras*, correspondendo por todas as fórmas á grande acceitação que encontrou na respeitavel classe commercial a secção de annuncios que encetou em 1877, a qual tem visto progressivamente augmentada, e desejando tornar o mais vantajosa possivel a publicidade dos mesmos, resolveu inaugurar no almanach para 1882 um novo genero de annuncio que submete á apreciação dos senhores annunciantes.

Como é sabido, a avultada tiragem e extraordinaria extracção do *Almanach das Senhoras*, em todo o reino, no Brazil, nas ilhas e colonias, dava de per si a maxima vulgarisação ao annuncio. A empresa, porém, tendo em vista facultar-lhe mais amplo desenvolvimento, vae publicar no futuro almanach, independente da secção de annuncios impressos em papel de cores diversas, e inserta no fim, o annuncio intercalado no texto, á imitação do que fazem identicas publicações na America, Inglaterra, França, etc. Custará cada annuncio, publicado na secção litteraria, o qual não poderá occupar menos de uma pagina, 2\$500, subsistindo para os annuncios do fim do almanach o preço habitual, isto é, uma lauda 1\$500, meia 1\$000, paga adiantada. Além d'isto, a empresa do *Almanach das Senhoras*, empenhando-se em facilitar por todas as maneiras a divulgação do annuncio, cuja reconhecida utilidade é ocioso encarecer, publicará um catalogo commercial, com indicação dos estabelecimentos, pagando apenas cada annunciante 200 réis, podendo dispôr de uma linha para a menção da sua industria e residencia. Os srs. annunciantes que avaliando bem as vantagens que lhe offerecemos, queiram dispensar-nos os seus annuncios, sirvam-se fazê-lo desde já, remetendo-os para a agencia BASTOS e GONÇALVES, rua dos Retrozeiros, 147, ou para a LIVRARIA ZEFERINO, rua dos Fanqueiros, 87, Lisboa, e no Porto para a *Agencia da Publicidade*, Praça de D. Pedro 23, indicando nos mesmos se desejam publicado o annuncio no texto ou no fim do livro.

### AO COMMERCIO BRAZILEIRO

Os srs. annunciantes brazileiros que se dignem dispensar-nos os seus annuncios queiram remettel-os aos nossos agentes, srs. Arthur Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95, Rio de Janeiro, onde se acham patentes os preços e condições dos mesmos. Os mesmos srs. são os unicos encarregados da venda do *Almanach das Senhoras* no Brazil, tendo tambem a seu cargo fazerem entrega dos premios ás pessoas que resolverem os problemas da edição brazileira.

### CENTRO COMMERCIAL

120 — Rua Aurea — 122

Continua a admittir, para expôr á venda no seu bazar, qualquer cousa sendo boa; ali é facil encontrar comprador, porque o «Centro» é hoje a casa mais concorrida da capital.

A luva aromatisada atrahê áquella casa a melhor sociedade, que tambem quando deseja um objecto de gosto para um presente sabe que ali o encontra.

O «Centro» é a casa da moda.

### DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 22.<sup>o</sup> FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empresa

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA